

ESCRITA TECLADA: UMA NOVA FORMA DE ESCREVER?

Maria Teresa de Assunção Freitas
(prof.^a da Faculdade de Educação da UFJF)

1- Focalizando a questão

Este texto refere-se a uma pesquisa em andamento que mantém uma linha de continuidade com investigações anteriormente realizadas pelo grupo Linguagem, Interação e Conhecimento(LIC) no campo da leitura/escrita. Nosso grupo tem se dedicado a pesquisar a leitura/escrita a partir de diferentes ângulos adotando sempre como enfoque teórico metodológico a abordagem qualitativa numa perspectiva sócio-histórica.

Inicialmente numa primeira pesquisa “Cultura, Modernidade, Linguagem: leitura e escrita de professoras em suas histórias de vida e formação”(1995-1997)¹ procuramos conhecer através de seus relatos, o que lêem e escrevem professoras de ensino fundamental. Em uma etapa inicial entrevistamos professoras em exercício e depois professoras aposentadas. Os achados nos levaram a resultados diversos nos dois grupos. Confrontando essas diferenças nos deparamos com a diversidade dos contextos por elas vividos. Isso nos impulsionou a buscar conhecer melhor o contexto atual marcado pelas transformações revolucionárias da ciência e da técnica, que acabam produzindo mudanças nas relações sociais e nas práticas culturais.

Assim chegamos um novo foco de investigação: compreender como se constituem na contemporaneidade a leitura e escrita de crianças e adolescentes através da pesquisa: “Práticas sócio-culturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes” (1997-1999).² Entre os diversos achados dessa pesquisa preocupamo-nos em especial com a defasagem observada entre o que a escola propõe e os interesses e as vivências das crianças e adolescentes. O contexto sócio-cultural do qual participam tem lhes oferecido novas formas de leitura e escrita significativas e prazerosas que parecem ser desconhecidas ou ignoradas pela escola. Nas conclusões da pesquisa citada percebemos que novos instrumentos culturais da contemporaneidade têm se tornado mediadores de outras formas de leitura e escrita, desatacando-se aí o computador e o uso da internet. Buscando compreendê-los, como uma nova forma de leitura e escrita que está surgindo na contemporaneidade nos envolvemos na pesquisa em andamento: “A construção/produção da escrita na internet e na escola: uma abordagem sócio-

¹ Essa pesquisa constituiu-se numa vertente, sediada na UFJF, de um projeto maior coordenado pela Profa. Dra. Sonia Kramer (PUC-RIO) e contou com o apoio, do CNPq e da FAPEMIG.

² Pesquisa apoiada pelo CNPq e FAPEMIG e coordenada pela prof.^a Dr.^a Maria Teresa de A Freitas

cultural”(1999-2001)³. Essa pesquisa se constituiu buscando compreender como o uso da internet, está mediando a construção da linguagem escrita de um grupo de estudantes seus usuários e como a escola em seu interior trabalha a construção da escrita. Esperamos, com essa pesquisa, ter uma visão mais ampla da questão da escrita enquanto instrumento cultural e processual a partir do que se faz na internet e na escola. Justifica-se este nosso estudo pois estamos tratando de um tema atual, novo, do qual ainda se sabe muito pouco. Sua atualidade liga-se à rapidez com que se difunde entre nós atingindo um número cada vez maior de usuários principalmente entre os jovens estudantes. Negroponte (1995) há quatro anos atrás dizia que o número total de usuários da internet aproxima-se dos 50 milhões, com projeções para um bilhão de usuários na virada do século. No Brasil, de acordo com dados fornecidos pela Folha de São Paulo, numa reportagem de 29 de março de 2000, o número de internautas está estimado em 07 milhões, com uma projeção de ampliação para 11 milhões no próximo ano. A escola não pode se manter defasada da realidade na qual seus alunos estão inseridos. O avanço de novas tecnologias não pode ser ignorado pelos profissionais da educação que, ao contrário, devem estar preparados para compreender seu impacto no trabalho escolar. Entendemos como Dias (1998), que o desenvolvimento da microeletrônica, com seus chips cada vez menores, mais poderosos e baratos exige um novo modelo de trabalhador e, portanto, de estudante. Estamos recriando um novo conceito de aprendiz que não pode ser mais pensado longe da interação com as modernas tecnologias. Atualmente uma dessas tecnologias que está em plena expansão e difusão entre nós é a internet que permite a comunicação entre os indivíduos e o rápido acesso às informações. Suas possibilidades e implicações sobre as novas formas de leitura e escrita que proporciona, precisam ser conhecidas, estudadas e compreendidas por aqueles que trabalham com a educação.

2- Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet

Faz-se necessário compreender o que representa a presença dessa nova tecnologia: a internet, entre nós. Na perspectiva do método dialético de Vygotsky os fenômenos devem ser estudados em seu processo de mudança, portanto em sua historicidade. Assim, dando um recuo no passado pretendemos acompanhar como se chegou a constituir hoje essa nova forma de leitura e escrita. Nesse sentido vamos focalizar de um modo especial a escrita como uma tecnologia que revolucionou a humanidade com o

³ Pesquisa apoiada pelo CNPq e coordenada pela Prof.^a Dr.^a Maria Teresa de A. Freitas

seu surgimento e como tem evoluído ao longo dos tempos. Muitos estudiosos têm se debruçado sobre as implicações sociais e psicológicas da escrita e para tal têm-na estudado em seu desenvolvimento histórico. Nesse sentido são de relevância os estudos efetuados por Ong, McLuhan, Havelock, Goody e Watt entre outros, que abriram esse campo confrontando as sociedades orais com aquelas onde existe a escrita.

A sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral. Só mais tarde tornou-se letrada e não em sua totalidade. Foi um processo que aconteceu de forma e em épocas diferentes para os diversos grupos humanos. Os primeiros registros escritos datam de 6.000 anos atrás e das milhares de línguas faladas na humanidade, apenas cerca de 106 podem ser consideradas com tendo um sistema escrito (Ong, 1998 citando Edmonson 1971). Portanto, a oralidade é a forma de linguagem básica do homem. Ong (1998) distingue dois tipos de oralidade: a primária e a secundária. A primeira refere-se à oralidade de uma cultura desprovida do conhecimento de qualquer forma de escrita. A segunda é a que está presente numa cultura que tem, usa e sofre os efeitos da escrita. Esse é o caso de nossa atual cultura tecnológica na qual o telefone, o rádio, a TV e outras invenções eletrônicas estimulam uma oralidade que depende da escrita.

Pertencemos a uma cultura escrita e é para nós difícil pensarmos de uma forma desvinculada dela. No entanto, com algum esforço, talvez fazendo uma analogia com o surgimento da informática, possamos compreender o impacto do surgimento da escrita numa cultura oral. A escrita é uma tecnologia como também a informática. A nossa geração que não nasceu com a informática, se surpreendeu com o seu surgimento e sua presença até hoje, se não continua nos assustando, pelo menos nos incomoda. Pensamos nos seus efeitos que ainda desconhecemos e tememos por aquilo que já é de nosso domínio. Assim, vemos à vezes com reservas o uso do computador, da internet por um número cada dia maior de usuários e nos perguntamos se a nova forma de leitura e escrita não estaria ocupando ou até desativando o lugar do livro enquanto códex. O acúmulo enorme de informações disponíveis e a possibilidade de acesso a elas, a velocidade de uma comunicação em tempo real, a aproximação de pessoas e de informações distantes, são coisas que ainda não compreendemos bem, e por não sabermos como lidar com elas, nos causam estranheza.

Talvez tenha sido também assim com a escrita nas sociedades de oralidade primária. Daí compreendermos o receio de Platão diante da escrita como uma tecnologia que viria diminuir a capacidade de memória presente na oralidade. Esta dependia profundamente

da memória para preservar os relatos, sabia-se o que se podia recordar. Pensar significava ter pensamentos memoráveis. A escrita ao possibilitar o registro libertou a mente do esforço de recordar.

Assim como a capacidade de memória, outras características das culturas orais primárias foram também alteradas pela escrita. Ong(1998) nos fala sobre elas. Numa cultura oral primária os discursos são mais aditivos do que subordinados. É o contexto em que são produzidos que confere significados aos discursos que se tornam assim menos dependentes de uma gramática. Já o discurso escrito se prende a uma gramática que lhe é anterior e por carecer do contexto real, da presença real do interlocutor, o significado depende mais da estrutura lingüística. Os discursos nas culturas orais são mais agregativos totalizadores, enquanto a escrita veio trazer a possibilidade de fragmentação. A repetição, a redundância do já dito mantém o fluxo da interlocução entre falantes de uma cultura oral. Não se pode voltar atrás, pois o que foi falado desaparece logo após ter sido pronunciado. Não é possível, portanto, retroceder no tempo. A tecnologia da escrita se interpõe a este obstáculo do tempo e elimina a redundância. Com a escrita à mão, mais lenta que o discurso oral, a mente é forçada a seguir um padrão mais lento, alterando e reorganizando o dito. É sempre possível reler o que foi escrito, voltar voluntariamente a todos os elementos que estão incluídos no texto. A cultura oral está mais próxima do cotidiano da vida humana, do presente, prendendo-se às situações vividas, se ligando mais aos fatos, às descrições enquanto a escrita se distancia refugiando-se muitas vezes em conceitos e lógicas abstratas. Para uma cultura oral aprender significa uma identificação íntima, empática com o conhecido, enquanto a escrita separa o conhecedor do conhecido, estabelecendo condições de distanciamento, de objetividade. As sociedades orais são de certo modo mais comunais, exteriorizadas. A comunicação oral agrupa as pessoas, enquanto a escrita isola e leva mais à introspecção.

A maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral estão relacionados com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita precisa-se de um outro sentido, a visão. As palavras não são mais ouvidas mas vistas, entretanto o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados que evocam na consciência do leitor palavras reais, o som acaba reduzido ao registro escrito.

Ao sintetizar essas reflexões de Ong (1998), não podemos deixar de pensar que a tecnologia da escrita produziu mudanças nas vidas e nos discursos das pessoas, alterando seus modos de pensamento.

A impressão que se tornou possível através da invenção de Gutemberg reforçou e transformou os efeitos da escrita sobre o pensamento e a expressão. Ong (1998) embora mais preocupado em estudar os efeitos da impressão sobre a consciência se refere a alguns de seus efeitos sociais apontados por Elizabeth Eisenstein. Para esta autora a impressão contribuiu para o renascimento italiano, para a reforma protestante reorientando a prática religiosa católica, afetou o desenvolvimento do capitalismo moderno, implementou a exploração européia do planeta, mudou a vida em família e a política, difundiu o conhecimento, tornou a cultura escrita universal um objetivo sério, permitiu a ascensão das ciências modernas e por fim alterou a vida social e intelectual. Além de todos estes efeitos, Ong (1998) convida-nos a refletir sobre os impactos da impressão sobre a consciência.

A invenção da técnica da impressão de caracteres alfabéticos tipográficos, no século XV, vem sugerir, mais fortemente do que a escrita, que as palavras são coisas, pois estas são compostas com tipos de metal nos quais as letras são gravadas preexistindo assim às palavras a serem constituídas. Nessa época toda a escrita ainda estava bastante dependente da oralidade, seja pelo encorajamento da memorização, seja pela leitura em voz alta. A predominância da audição ainda era muito forte e marcou até os períodos iniciais da impressão como pode ser sugerido pela formatação dos primeiros impressos que negligencia o projeto gráfico, a apresentação visual. No século XVI dava-se mais atenção ao som da palavra do que a seu aspecto visual. Aos poucos a impressão foi movendo as palavras do mundo do som para o do espaço visual e foi fixando-as aí de uma maneira muito mais rígida do que a escrita o havia feito. Os textos impressos mostram que são feitos à máquina e se tornam mais legíveis favorecendo à leitura rápida, silenciosa. Enquanto a escrita reconstituía a palavra oral no espaço visual, a impressão nele encerrou-a de forma definitiva. Com a impressão altera-se tanto a forma do texto que se organiza no códex, no livro, como sua apresentação. Surgem os índices, as páginas de rosto, a distribuição em linhas e parágrafos. Enfim todo o espaço é cuidado visando a melhor comunicação com o leitor. Isso acaba facilitando a divulgação do conhecimento, permitindo a produção de dicionários, enciclopédias, obras científicas. Hoje estamos tão habituados a esta forma de apresentação que nem prestamos atenção a ela. No entanto, no momento em que foi inventada possibilitou

uma relação com o texto e com a escrita diferente da que fora estabelecida com o manuscrito. Visando atender ao leitor, em sua privacidade, os livros tomam um formato menor que permite serem levados de um lado para o outro, proporcionando a leitura individual e silenciosa. O próprio espírito do individualismo presente foi reforçado pela impressão. O impresso passa a ser um objeto e como tal a palavra torna-se um bem material, o livro uma propriedade. Daí que, em 1567, foi criada em Londres, a primeira companhia para vigiar direitos de autores e de editores tipográficos. Enfim, a impressão ao explorar o espaço visual para o tratamento do conhecimento *"encorajou os seres humanos a julgar os seus próprios recursos interiores, conscientes ou inconscientes, como cada vez mais semelhantes a coisas, impessoais e rigorosamente neutros. A impressão encorajou a mente a entender que seus bens estavam confinados em alguma espécie de espaço mental inerte."*(Ong,1998,p.150) Portanto, podemos dizer que a impressão permitiu que um novo estilo cognitivo se instaurasse. Da discussão verbal passamos à demonstração visual que hoje mais do que nunca se faz presente na tela do computador, no texto eletrônico.

Levy (1993) traça uma rápida história deste novo meio contando que o primeiro computador, o Eniac dos anos 40, pesava várias toneladas e ocupava todo um andar de um prédio. Nos anos 50, os computadores eram programados por códigos binários através de cartões e fitas perfuradas. Novas linguagens como o *assembler* e a *Fortran* foram introduzidas. Depois surgiram as telas e, por fim, os computadores pessoais que transformaram a informática em um meio de massa para a criação, comunicação e simulação. Os CD-Rom ampliaram as possibilidades de comunicação e interação. O próprio Pierre Levy quando escreveu e publicou na França em 1990, o livro onde trata dessas idéias, embora falasse da rapidez de transformação e possibilidades de um computador e acenasse para as redes de super-computadores e o surgimento dos *groupware*, não podia ainda imaginar a força e a extensão do que seriam as redes eletrônicas de comunicação, a internet. Aliás a cada dia novas linguagens de computador são introduzidas: DOS, windows, windows 95, windows 98, etc. O poder de armazenamento e processamento e a velocidade dos HD vão aumentando assustadoramente e fica difícil acompanharmos, sempre atualizados, estas mudanças. Em pouco tempo o computador e os programas que usamos ficam obsoletos.

Mas como diz Levy (1993) *"Não há identidade estável na informática porque os computadores longe de serem os exemplares materiais de um imutável idéia platônica,*

são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis que podem transformar radicalmente seu significado e uso”.(pag,102)

Que mudanças as novas tecnologias da escrita oportunizadas pelo computador, pela internet, poderão estar imprimindo em nosso meio? Que novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática? Está emergindo neste final de milênio um novo conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventariaram. Para Levy(1993), vivemos hoje uma redistribuição da configuração do saber que havia se estabilizado com a generalização da impressão.

É preciso compreender que a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamentos de centros de gravidade. O saber oral e os gêneros de conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem e irão continuar existindo sempre. E, hoje, não estaria a internet integrando de uma maneira nova oralidade e escrita? Uma outra relação com o texto e com a escrita não estaria sendo possibilitada pela internet?

São questões que se nos apresentam e diante delas e dos avanços mais recentes da internet não podemos ter uma visão pessimista. Não podemos agir negativamente como Platão em seu tempo encarou o surgimento da escrita. As mesmas objeções que hoje vemos aos computadores, à internet, foram feitas por Platão em Fedro e na Sétima Carta em relação à escrita. Dizia ele: a escrita é inumana, pois pretende estabelecer fora da mente o que só nela pode estar. Ela é um produto manufaturado, uma coisa. Não é isso que hoje dizemos dos computadores? Não temos medo dessa escrita digitalizada, da máquina através da qual está surgindo uma nova forma de escrita? Ainda, continua Platão, a escrita enfraquece a mente e destrói a memória. Não é este também o receio de professores e pais diante das calculadoras eletrônicas, dos programas de computador, da navegação possibilitada pela internet? Para Platão o texto escrito é estático, inerte, não dialoga com o leitor. Também não é esta muitas vezes a objeção que se faz hoje ao computador? Continuando em sua crítica Platão ainda observa que a escrita é passiva, artificial, situando-se fora do contexto natural da palavra falada. A crítica ao computador, a internet não é também a de que ele está desvinculado do real numa realidade simulada, virtual?

Diante do novo que nos circunda e se projeta num futuro cada vez mais rápido e mais próximo, precisamos adotar uma perspectiva aberta e positiva. Não se trata de uma

postura ingênua e acrítica de passivos consumidores, mas frente aos atuais computadores, processadores de textos e canais eletrônicos de comunicação, como a internet, precisamos nos colocar numa atitude de busca de conhecimento que leva à compreensão de suas possibilidades. É necessário fazer como sugere Levy(1993) “*deixar a técnica pensar em mim ao invés de debruçar me sobre ela e criticá-la.*”(pag11) Assim não podemos construir um ponto de vista sobre ela, mas é necessário que nos coloquemos abertos a possíveis metamorfoses sob o efeito do novo objeto. É com este espírito que estamos realizando essa pesquisa. Sabemos que essa nova tecnologia, a internet, e os estudantes em interação com ela têm muitas coisas para nos ensinar.

O ciberespaço é certamente um dos futuros da leitura e da escrita e é nessa perspectiva que para ele dirigimos nossa atenção. Mas como vamos olhar a internet e suas possibilidades de escrita? Ao analisar tudo aquilo que em nossa forma de pensar depende da oralidade, da escrita e da impressão descobriremos que apreendemos este novo conhecimento típico da cultura informática, com os critérios e reflexos mentais ligados à tecnologias intelectuais anteriores. Colocarmo-nos nessa perspectiva, relativizar formas de pensar que perdem terreno hoje, isto talvez facilite a emergência do novo em um terreno fértil e preparado para recebe-lo.

Assim como a impressão alterou o espaço visual do escrito, possibilitou o livro enquanto códex, o armazenamento do livro, a biblioteca e depois os suportes de leitura mais rápida que supõe uma atenção flutuante como o jornal e a revista, a interface da informática nos coloca diante de um pacote terrivelmente redobrado, com pouquíssima superfície que seja diretamente acessível em um mesmo instante. Mas para consultar a tela temos uma série de comandos icônicos, o uso do teclado facilitado e complementado pelo *mouse*, menus que nos mostram que operações podemos ou devemos realizar. A velocidade é uma característica do novo meio. A um clic novos comandos são acionados e rapidamente temos a nossa disposição novas páginas. A leitura não é mais linear e se converte agora em um outro termo: navegar. Enquanto manuseamos um livro, viramos seqüencialmente suas páginas, mas o hipertexto informatizado nos dá condições de atingir milhares de dobras imagináveis atrás de uma palavra ou ícone, uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar. O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel. Para Levy (1996), ler na tela, é antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície

luminosa. Trata-se portanto de uma leitura interativa que favorece uma atitude exploratória e algumas vezes lúdica diante do material a ser assimilado. Pela interação estabelecida com o textos, penetramos num novo universo de criação e de leitura de signos e novos sentidos são criados.

Por tudo isso, Levy (1996), diz que considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre um suporte fixo equívale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. Assim, a tela informática surge como uma nova máquina de ler. Nela o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem que no papel parece já forçosamente realizado, pronto. Na tela do computador o leitor seleciona um texto que reside numa reserva de informação possível, fazendo uma edição para si, uma montagem singular. Nesse sentido seu ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, já que a interpretação comporta também um elemento de criação pessoal. Enfim, o suporte digital está permitindo novos tipos de leitura e escrita e pode-se até falar de uma leitura e escrita coletiva.

Fechando essa perspectiva histórica podemos dizer que oralidade, escrita e impressão não são eras, não correspondem de forma simples a épocas determinadas. Os três a cada instante e a cada lugar se manifestam presentes misturando-se agora ao último polo, a informática que surge neste final de milênio.

3- Objetivos da pesquisa

O tema da leitura e escrita tem sido bastante pesquisado na área da educação. Analisando o CD-Rom da ANPED-97 percebemos que, nas dissertações de mestrado e teses de doutorado da área de educação, a questão tem se desdobrado em várias linhas de estudo. Pesquisa-se aspectos sociais que interferem na aquisição e uso da escrita; a mediação do outro e de instrumentos culturais como livros didáticos ou de literatura no processos de aquisição e desenvolvimento da escrita. A aquisição da escrita é ainda estudada em relação aos portadores de deficiências, havendo também pesquisas sobre as questões da oralidade/escrita.

Na produção nacional, destacam-se, entre outros, os estudos realizados por Kramer, Smolka, Soares, Geraldi, Rojo que têm trabalhado questões relacionadas à leitura e escrita, mas em sua maioria não têm se detido sobre essa nova prática de escrita oportunizada pela internet.

Sabemos que têm se tornado também muito promissores os estudos da informática na educação. Consultando o CD-Rom da ANPEd-97 encontramos vários estudos que procuram analisar as relações entre o computador e a sala de aula, o computador e o ensino à distância, a percepção de professores quanto ao seu uso na escola. Apenas uma pesquisa (Lasmar,1995), se dedica ao tema da internet mas o faz buscando compreender a contribuição das redes eletrônicas para o desenvolvimento de programas educacionais. Dois estudos focalizam a interação criança-computador destacando-se o aspecto lúdico que é aí proporcionado. Um deles, (Ozorio1994), busca compreender como essa relação lúdica entre criança e computador favorece o processo de construção de conceitos geométricos; o outro, (Nogueira,1996), analisando a relação criança-computador-brinquedo em escolas da Zona Sul do Rio de Janeiro suscita uma reflexão crítica a respeito do uso de computadores em escolas.

Dois outros trabalhos (Nevado,89) e Lucena (1992) estudam o computador como apoio à escrita. O primeiro investiga a questão da construção do conhecimento, sob a perspectiva da abstração refletidora de crianças em interação com o computador, durante seu processo de alfabetização. Complementarmente o autor verifica se o uso do computador interfere no sentido de favorecer abstrações e toma a escrita e a construção do espaço métrico como objetos desta análise. Lucena (1992), estuda o desenvolvimento cooperativo da escrita de crianças apoiado pelo computador. Destes últimos quatro estudos citados, três deles (Ozorio1994; Nogueira,1996; Lucena (1992) trabalham a partir do enfoque sócio-cultural se apoiando em autores como Vygotsky, Bakhtin e Benjamin.

Entre outros artigos consultados, Fagundes (1997), discute a possibilidade do desenvolvimento da inteligência via computador, apoiando-se na perspectiva psicológica de Piaget e mostrando como a sala de aula está distante dos novos recursos tecnológicos; Valente (1997), reflete sobre a utilização inteligente do computador mostrando as diferenças entre utilizá-lo enquanto máquina de transmitir conhecimento e enquanto possibilidades de construção de conhecimento; Dias(1998) ao analisar o valor da informática na educação, lembra como as tecnologias digitais influem em mudanças paradigmáticas dos modelos educacionais.

Há grupos trabalhando a questão da informática e educação como os da USP com a prof^a. Vani Moreira Kenski, da UFRGS com a prof.^a Léa da Cruz Fagundes no Laboratório de Estudos Cognitivos (LEC), da UNICAMP com o Prof. José Armando

Valente do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) e o do Departamento de Educação da PUC-Rio com a prof^a. Maria Aparecida Mamede, entre outros.

Nicolaci da Costa (1998), do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, tem realizado estudos sobre usuários da internet e embora se refira à escrita não se detém especificamente nela. Encontramos outros trabalhos (Franco, 1996; Palácios, 96; Lima, 96), que se referem especificamente à Internet mas a focalizam procurando analisar sua origem, concretização e potencial de recursos informacionais, abertura de possibilidades de trabalhos para pesquisadores, ou identificando usos educacionais para as redes eletrônicas.

Esta rápida análise indica que não encontramos referências a estudos sobre a produção-construção escrita de usuários da internet e suas possíveis implicações cognitivas e na escrita escolar.

A pesquisa que estamos empreendendo não se refere especificamente à área da informática, mas se concentra na temática da escrita enquanto prática sócio-cultural e suas relações com a educação. Ao estudar a questão da escrita em um grupo de usuários da internet (nela e na escola), não estaremos discutindo especificamente a questão da informática e educação, mas a escrita mediada pela internet e os possíveis efeitos para seus usuários e suas implicações para o trabalho da escola.

Assim, o objetivo desta pesquisa é focalizar a escrita enquanto uma prática sócio-cultural oportunizada pela internet e aquela desenvolvida na escola. Pretendemos conhecer e analisar, de um lado, a produção-construção da escrita de um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio, mediada pela internet, e de outro, aquela desenvolvida na sala de aula. Não trabalhamos com dados estatísticos buscando aferições quantitativas: número de horas gastas na internet, quantidade de textos produzidos, etc. Interessa-nos os aspectos qualitativos, a compreensão de como se constrói a escrita de estudantes de ensino fundamental e médio através da relação entre a escrita na internet e o trabalho escolar. Estamos focalizando e buscando compreender as peculiaridades processuais, genéricas, formais e lingüístico-discursivas, presentes na produção-construção escrita desse grupo de estudantes usuários da internet.

4- Iniciando a pesquisa

Para atingir os objetivos propostos nos dispusemos a focalizar um grupo de usuários da internet: estudantes de escolas públicas e particulares que freqüentem da 7^a série do

ensino fundamental à segunda série do ensino médio.⁴ Não pretendemos realizar um estudo **sobre** a escrita desses sujeitos usuários da internet mas buscamos **com eles** procurar compreender os sentidos presentes nesta prática cultural. Para tal nos programamos para usar como instrumentos, a observação participante, a entrevista e a análise de textos escritos pelos sujeitos nas duas situações : internet e escola. Em uma pesquisa qualitativa os fenômenos são estudados em toda a sua complexidade e em seu contexto natural. O pesquisador frequenta os locais em que naturalmente acontecem os fatos nos quais está interessado preocupando-se em observá-los, entrar em contato com pessoas, conversar com elas, recolher material produzido por elas ou a elas relacionados.(Bogdan & Bicklen,1994)

Querendo focalizar o usuário da internet em seu ambiente natural através da observação participante deparamo-nos com uma dificuldade. Como escolher os sujeitos e como realizar essa observação? De acordo com Vygotsky (1991) o estudo de situações fundamentalmente novas exigem inevitavelmente novos métodos de investigação e análise. Foi o que aconteceu conosco. Percebemos então que a observação participante não poderia ser a usual, aquela a qual estávamos habituados, mas o novo meio exigia uma adequação dessa técnica. Deveríamos interagir com os potenciais sujeitos da pesquisa no interior de um espaço virtual, participando de chats , usando E-mails,etc. Para tal, nos dispusemos a ir em campo. Decidimos, no entanto, que, para um trabalho de campo mais produtivo seria bom iniciarmos nossa investigação a partir de um período exploratório. Este nos permitiria avaliar as ações, aprender com elas, definir os critérios para uma definitiva escolha dos sujeitos, indicando os instrumentos adequados e a sua forma de utilização. Precisávamos aprender num ensaio investigativo como nos aproximarmos do objeto de estudo pretendido.

Entendendo que na pesquisa qualitativa o pesquisador é o próprio instrumento e a principal fonte de dados, trabalhamos no período anterior ao ingresso no campo buscando uma maior compreensão da própria escrita dos participantes do grupo de pesquisa.⁵ Acompanhando essa mesma lógica organizamos estratégias para que os pesquisadores desenvolvessem familiaridade com a internet. Conscientes de que numa

⁴ A partir da pesquisa anteriormente concluída, encontramos mais usuários da internet nestes segmentos.

⁵ Este aspecto foi trabalhado através de relatos compartilhados das histórias pessoais com a linguagem escrita e procurando o seu desenvolvimento através da construção de textos motivados pelas leituras feitas em função da temática da pesquisa, anotações de campo e atas das reuniões. Estas últimas constituem-se em um instrumento, que tem acompanhado nossos trabalhos de pesquisa desde 1995, com uma dimensão formadora. Nelas o ato de escritura não se limita apenas ao registro dos fatos mas o

pesquisa qualitativa o seu movimento inicial deve ser o de aproximação, nos dispusemos a inserirmo-nos no campo a ser investigado buscando compreender em seu interior o que queríamos estudar, estabelecendo uma convivência com o novo meio, tornando-os nós mesmos internautas. Assim, desejando desvelar essa nova realidade ainda pouco vivenciada por nós percebemos que para melhor compreendê-la devíamos partir de uma real imersão no mundo virtual convivendo com o próprio objeto de investigação. Navegamos por horas a fio, vistamos sites de nossos interesses e de possíveis interesses para os adolescentes, utilizamos o correio eletrônico como meio de comunicação entre os participantes da pesquisa e com outras pessoas. Entramos em salas de bate-papo, freqüentamos *chats*. Foi muito rico este período em que penetramos na corrente da linguagem dos internautas. A princípio nos sentimos “estranhos no ninho” ao iniciarmos nossa incursão pelos chats. Começamos a conviver com termos próprios a que não estávamos acostumados, tivemos que adotar um *nick-name*, conhecer e seguir as regras estabelecidas para a comunicação virtual. Fomos identificados pelos internautas como calouros e novatos pelo nosso modo de expressar tão diferente do deles. Era como se fôssemos aprendizes de uma nova língua. Aos poucos penetrando na corrente dessa linguagem, fomos adotando os termos próprios, a forma específica de escrever, de teclar. Já não mais éramos estranhos e começávamos a fazer parte no novo grupo cultural.

A inserção nas sala de aula também foi pensada no período exploratório e nos aproximamos de duas escolas uma de ensino fundamental e outra de ensino médio, onde procuramos mergulhar na realidade do seu cotidiano em relação à prática da escrita observando aulas de diferentes disciplinas. Nessa observação procuramos ver características da escrita presente na escola identificando suas especificidades no trabalho das diferentes disciplinas e os possíveis gêneros discursivos aí presentes.

5-Os primeiros achados

Essa imersão no campo tornou-se para nós muito produtiva e já nos permitiu alguns achados importantes. Observamos que além dos chats e e-mail onde conversam/escrevem sobre atividades recentemente ocorridas, provas e jogos, namoros, filmes, músicas e programações para os finais de semana, os adolescentes buscam *sites* também de acordo com os seus interesses: cinema, música, bandas, esporte, erotismo,

RPG, poesia, etc. Via internet vão descobrindo a possibilidade de satisfazer sua curiosidade sobre os assuntos de seu interesse e de entrar em contato com pessoas distantes. É um tempo que nem vêem passar, tão absorvidos ficam com a possibilidade de através do teclado ou do mouse, chegarem rapidamente às páginas onde podem encontrar seu ídolo do esporte ou da música e informações sobre cinema ou RPG. Os adolescentes contatados não buscam apenas informações mediante uma leitura hipertextual do que aparece na tela, mas mais do que isto é importante a troca de idéias, o bate-papo virtual que os faz discutir com diferentes pessoas os temas de sua preferência. Eles estão descobrindo um novo espaço onde transitar, o cibernético, no qual a realidade é virtual. Neste espaço virtual vão construindo novas turmas de amigos em torno de interesses comuns.

Foi observado que os adolescentes ao navegarem pela tela realizam uma leitura vertical passando seus olhos pela tela onde desfilam cores, imagens e textos que trazem até eles informações a que, até poucos anos atrás, não tinham acesso. Deixando de lado o esforço do manuscrito, dos traços no papel com lápis ou caneta, envolvem-se com uma escrita possibilitada pelo uso do computador, digitando teclas, manuseando o *mouse* para entrar em comunicação com pessoas de diferentes partes do país e do mundo. Têm interlocutores reais num tempo também real. Envolvem-se nestas novas formas de leitura e escrita com entusiasmo ocupando nelas grande parte de seu tempo livre, produzindo um sentido pessoal para essas atividades.

Ao analisar os achados do período exploratório observamos, entre outras, duas coisas que nos chamaram a atenção: o emprego da língua inglesa e a forma da linguagem usada.

O inglês é a língua mãe da internet e mesmo quando seus usuários não o estejam usando para suas comunicações, o próprio português utilizado está mesclado de expressões ou vocábulos em inglês. Percebemos que o inglês é usado para acessar e ler *sites* da internet e às vezes até para envio de mensagens pelo correio eletrônico.

Na listas de discussão, nos *E-mail* enviados ou recebidos, ficam horas a fio envolvidos em atividades de leitura/escrita com características próprias e específicas. Fomos assim, nos deparando com uma escrita que ganha contornos novos nos espaços virtuais. Não se trata mais de uma escrita manuscrita, mas teclada. O essencial é teclar pouco e dizer muito para economizar tempo e comunicar-se rapidamente. A escrita apresenta-se abreviada, telegráfica, econômica. As frases são curtas, diretas, as palavras abreviadas. Há palavras novas, inventadas, palavras da língua inglesa que são abreviadas. Os

acentos e cedilhas não existem mais e a grafia das palavras é alterada. Optando pela rapidez, palavras vão perdendo caracteres: **você** passa a ser **vc**, **teclar** torna-se **tc**. As palavras acentuadas perdem os acentos ganhando novos caracteres: **não** passa a ser **naum**, **café** transforma-se em **cafeh**. São adaptações que facilitam o teclar economizando movimentos, tempo e tornando a tarefa de escrever mais rápida. A entonação é expressa pelos pontos de exclamação e interrogação usados em profusão, pelas palavras em letras maiúsculas que significam voz alta, gritos e pelos ícones de emoção, os “emoticons”, símbolos usados para expressar emoções. Como trata-se de uma conversa escrita num meio virtual, não podem ser usados os recursos da entonação e das expressões faciais, dos gestos que dão sentido aos enunciados numa relação face a face. Assim, os internautas vão criando uma forma de comunicação repleta de signos que expressa emoções, desejos, sentimentos. Usando o teclado fazem composições gráficas, utilizam-se de ícones como estes para expressar: :) ou :o) pessoa sorrindo, alegre ou animada; ☹ ou :o(pessoa triste ou chateada :* ou :o* envio de beijos; []’s envio de abraços. Percebemos que essa é uma maneira rápida e divertida que os internautas encontram para economizar tempo e humanizar seus bate-papos.

Notamos em nossa primeira incursão no campo que de fato uma nova forma de escrita está se criando no meio virtual. É toda uma escrita carregada de oralidade. A interface oralidade escrita parece se dissolver no ciberespaço. Os enunciados construídos não apresentam fronteiras nítidas misturando forma, processos e funções da oralidade e da escrita. É o que Levy (1999) chama à atenção ao afirmar que a emergência do ciberespaço tem um efeito tão radical sobre a pragmática das comunicações como teve em seu tempo a invenção da escrita. Esta abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais possibilitando a tomada de conhecimento de mensagens geradas por pessoas distantes, que não partilhavam da mesma situação, não estavam em interação direta. Nesse sentido a escrita é vista como algo descontextualizado. Hoje o ciberespaço está levando-nos de volta a essa situação anterior à escrita, porém numa outra escala e numa outra órbita na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias em linha faz os parceiros da comunicação partilharem novamente o mesmo contexto, o mesmo hipertexto vivo. Fomos percebendo também que leitor e autor se cruzam, online. Ler é ao mesmo tempo escrever e a escrita se torna leitura.

Essa pesquisa encontra-se ainda em sua fase inicial. Terminamos o período exploratório que já nos confronta com alguns achados e que nos direciona para uma melhor

compreensão e aproveitamento da inserção no campo. Dos achados encontrados surgem pistas para estudos e aprofundamentos teóricos e indicações da necessidade de procurar compreender em profundidade essa nova leitura/escrita possibilitada pela internet. Novas perguntas vão sendo formuladas guiando nosso processo investigativo/compreensivo. Formulamos, assim, as seguintes questões orientadoras de nossa pesquisa em relação a este grupo de estudantes usuários da internet: O que, como, por quê, para que e para quem escrevem na internet e na escola? Essa nova forma de escrita possibilitada pela internet poderá trazer mudanças cognitivas para seus usuários? Que gêneros discursivos (propostos por Bakhtin) estão surgindo na escrita que produzem na internet? Estes gêneros estão presentes na escrita que desenvolvem na e para a escola? Que gêneros discursivos de produção escrita são usados em salas de aula? Que sentidos estes alunos estão produzindo para sua escrita na internet e na escola? Poderá a escrita usada na internet estar interferindo na escrita produzida/construída na escola?

São estas algumas questões indicadas por este nosso primeiro contato com o campo que exigirão agora um maior tempo de uma observação participante direcionada para sujeitos determinados. A partir dessa convivência virtual emergiram os sujeitos da pesquisa que foram por nós escolhidos dentro dos critérios que levaram em conta o nível de escolaridade, a possibilidade de moradia na cidade permitindo localizar suas escolas para a possibilidade de observação de suas salas de aula. É esse o trabalho que vamos continuar empreendendo durante o ano de 2000 fazendo uma observação participante via o próprio meio virtual, comunicando-nos com os nossos sujeitos em chats ou e-mails, visitando as escolas por eles freqüentadas e analisando com o olhar teórico da perspectiva sócio-histórica suas construções/produções escritas nos dois meios observados. Esperamos assim construir os meios necessários para uma compreensão mais aprofundada de nosso objeto de estudo que nessa fase inicial da pesquisa já se nos apresenta tão promissora.

6- Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail (Volochninov).(1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec,1981e1988.
- _____ (1974) Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In M.M. Bakhtin (1979). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 e 1994.
- _____ (1953) O gêneros do discurso. In (1979) **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992 e1994.

- _____ (1959) O problema do texto. In **Estética da Criação Verbal**. SP., Martins Fontes, 1992 e 1994.
- BOGDAN R.& BIKLEN S. **Investigação qualitativa em educação** Porto: Porto Editora, 1994.
- DIAS, Rosilãna A O valor da informática na educação. **Cadernos para o Professor**, Juiz de Fora, AnoVI, n.º7, p. 33-38, dez.1998
- FAGUNDES, L. da C. A inteligência coletiva- a inteligência distribuída. **Pátio-Revista Pedagógica**; ano 1, n.º1, p.15-21,maio/julho, 1997.
- FRANCO, M. A **As tecnologia digitadas da inteligência: impressões de um profissional da informática sobre a rede internet**. Campinas, 1996. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- FREITAS, M. T. A **Adolescentes contam suas práticas de leitura e escrita**. Juiz de Fora: UFJF, Relatório de Pesquisa para o CNPq, 1998.
- LASMAR, T.J. **Usos educacionais da internet: a contribuição das redes eletrônicas para o desenvolvimento de programas educacionais**. Brasília, Dissertação de Mestrado,1995, Universidade de Brasília.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34,1996.
- _____ **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34,1993.
- _____ O universal sem totalidade, essência da cibercultura. Site do INEP, 1999.
- LIMA, P. H. Redes de informação e comunicação (IBASE). **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro,v. 25, n.132/133,p.43-44, set/dez.1996.
- LUCENA, M. W. F. P. de **Desenvolvimento cooperativo da escrita de criança apoiado pelo computador**. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, 1992. PUC-Rio.
- NEGROPONTE, N. **Vida Digital**. São Paulo: Cia das Letras,1995.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede: os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro: Campus. 1998.
- NOGUEIRA, Letícia. **A criança e o computador instantâneo através das lentes infantís**. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, 1996, PUC- Rio.
- NEVADO, R. A de. **As abstrações na construção da língua escrita e do espaço métrico na interação com o computador durante o processo de alfabetização**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado, 1989,UFRGS.
- OLSON, D. R. **O mundo no papel**. São Paulo: Ática, 1997.
- ONG, W.J. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus:1998.
- OZORIO, M. S. **Computador na escola: objeto lúdico de pensar**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 1994, PUC-Rio.
- PALÁCIOS, M. Educação na Internet. **Comunicação e Educação**: São Paulo:, v.2,n.6.p.35-40, maio/ago,1996.
- VALENTE, J. A O uso inteligente do computador na educação. **Pátio-Revista Pedagógica**, ano 1 n.º1 maio/julho, 19-21,1997.

VYGOTSKY, L.S.(1930) **A formação social da mente**. São Paulo: Martins, 1991 e 1994.

_____ (1934) **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins, 1989 e 1994.

A partir destes dados, buscando compreendê-los, como um nova forma de leitura e escrita que está surgindo na contemporaneidade formulamos algumas questões: Que efeitos essa nova forma de leitura e escrita pode trazer para seus usuários? Como seu uso poderá se incorporar ao seu estilo de escrever? Essa forma concisa, objetiva, econômica de escrever interferirá na maneira de pensar? Os usuários desta leitura e escrita saberão escrever de uma forma mais analítica, reflexiva? Como é sua leitura e escrita na escola? Seus professores conhecem sua experiência na internet?

Algumas destas questões aparecem formuladas em um dos trabalhos construídos na análise longitudinal das entrevistas, em que foi feita a seguinte observação: *“Estas são questões que levanto e para as quais não tenho resposta. Penso, no entanto, que é o momento da escola, de nós educadores nos debruçarmos sobre elas para compreendê-las, pesquisá-las, buscando os elos perdidos entre a escola e as novas práticas de seus alunos.”*(Freitas, 1998, p.)

Essa pesquisa se desdobra em duas vertentes que se interligam.

Na primeira estamos procurando conhecer e analisar a produção-construção escrita de um grupo de usuários da internet: alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas ou particulares da cidade de Juiz de Fora. Ao observar a produção-construção escrita na internet de um grupo de adolescentes estamos envolvidos em sua caracterização buscando compreender as interferências dessa nova forma de escrita em

relação àquela que acontece no âmbito ou para fins escolares. Em função disto, na segunda vertente, procuramos conhecer e analisar o trabalho das escolas, freqüentadas por estes estudantes usuários da internet, em relação ao processo de produção-construção da escrita, identificando e compreendendo os gêneros discursivos presentes às atividades de escrita na sala de aula. Em síntese, em nossa análise pretendemos focalizar e compreender as peculiaridades processuais, genéricas, formais e lingüístico-discursivas, presentes na produção-construção escrita desse grupo de estudantes usuários da internet.